

TRANSMITINDO ÓDIO: O PAPEL DO *HATE ROCK* E DA INTERNET NA DIFUSÃO DE IDEIAS NEOFASCISTAS NO TEMPO PRESENTE

CONVEYING HATE: THE ROLE OF HATE ROCK AND INTERNET IN NEOFASCIST BROADCASTING IDEAS IN THE PRESENT TIME

Pedro Carvalho Oliveira*

RESUMO

Este artigo objetiva realizar uma análise a respeito dos usos de diferentes meios de comunicação por movimentos neofascistas, a fim de transformá-los em terrenos de idealização política, difusão ideológica e campo de disputas pelo poder. O *Hate Rock*, gênero musical próprio dos neofascismos, e a Internet tem sido dois dos principais meios para a organização e propaganda de seus comportamentos políticos. Ambos possuem uma relação de complementaridade, nos fornecendo evidências das transformações históricas que ideias do passado sofreram para servirem ao presente. Essa adaptação desenvolveu novas formas de transmitir ideias neofascistas, sendo elas pertinentes ao vasto campo de estudo da História do Tempo Presente.

PALAVRAS-CHAVE: Neofascismos; *Hate Rock*; Internet; História do Tempo Presente.

ABSTRACT

This paper analyzes the use of different media by neo-fascist movements in order to transform them into fields of political idealization, ideological diffusion and power struggle instruments. Hate Rock, neo-fascism musical genre, and the Internet are two of the main stages for the organization and propaganda of their political behavior. Both have a complementary relationship, providing evidences of the historical transformations that ideas from the past have undergone to serve the present. This adaptation developed new ways to convey neo-fascist ideas, which are relevant to the vast field of Present Time History.

KEYWORDS: Neofascism; Hate Rock; Internet; Present Time History.

*Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Rua Bragança, n. 15, ap. 403, Jardim Universitário. CEP: 87020-220. Maringá, PR. E-mail: pedro@getempo.org.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar as relações de complementaridade entre mecanismos comunicacionais usados por movimentos neofascistas. O uso desses mecanismos se faz tanto em função de estabelecer campos de idealizações políticas quanto para a difusão das mesmas. A transmissão dessas ideias se tornam registros que nos fornecem as nuances das transformações sofridas pelos fascismos, a fim de que possam ser utilizados no presente. Estes registros estão em páginas da Internet que, entre um vasto número de materiais ideológicos, disponibilizam músicas de um gênero próprio dos neofascismos, o *Hate Rock*. Ambos os meios de comunicação interessam aos investigadores que se debruçam sobre o presente.

A História do Tempo Presente, que se constitui como um importante campo do conhecimento histórico na segunda metade do século XX, ganhou a atenção dos profissionais desse ofício a partir da necessidade de cumprir demandas específicas. Uma delas, talvez a mais importante, tenha sido a urgência em esclarecer, após 1945, os terríveis acontecimentos decorrentes da ascensão dos fascismos na Europa. Aqueles fenômenos, que vinham sendo vastamente comentados pela imprensa, careciam de análises profundas que dessem conta de sua complexidade histórica (LAGROU, 2007). Outra demanda vinha da importância que o tempo presente adquiria nos meios de comunicação social de muitos países.

Com a abertura e a flexibilização da comunicação de um grande número de documentos antes restritos na França, algo possibilitado pela lei de 17 de julho de 1978, surgiram novas possibilidades para o estudo de acontecimentos recentes. A análise desses acontecimentos, dos quais haviam ainda restado agentes participantes, marcou o caminho para a consolidação dos estudos sobre o tempo presente. A historiografia voltada a ele ficou marcada “acima, pela história muito imediata e, abaixo, pela sobrevivência de testemunhas” (AZEMA, 1993, p. 736). Portanto, a História do Tempo Presente se formaria essencialmente em torno da possibilidade de compreender acontecimentos cujas testemunhas, agentes históricos e desdobramentos estivessem ainda em vivos.

Nas últimas décadas do século XX, a demanda social pelo tempo presente se mostrava de diversas formas. Uma delas era a intensa comercialização de temas referentes a ele em livrarias e bancas de jornais, bem como em transmissões televisivas

de programas franceses que haviam se especializado nesse novo nicho. Dessa forma, “como a atualidade caminhava por toda parte um pouco rápido demais, pedia-se ao passado próximo que a decifrasse. Procurava-se igualmente desvendar o que havia sido calado ou ocultado por motivos, na maioria das vezes, políticos” (AZEMA, 1993, p. 737). Assim sendo, esses apontamentos nos servem para pensar, por exemplo, a necessidade de compreender a presença de ideias fascistas mesmo depois da criminalização dos regimes e seu banimento em toda a Europa.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial e da derrocada dos regimes fascistas na Itália e na Alemanha, houve um esforço para impedir o reaparecimento dessas ideias, bem como um outro no sentido contrário. Para Theodor Adorno a “exigência de que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (1995, p. 119). Apesar disso, movimentos neofascistas tem buscado espaço, seja mascarando suas ideologias ou não, em diferentes cenários políticos do mundo. A repetição desse comportamento político do passado requer empenhos que resultam em transformações, seja para suavizar discursos almejando o eleitorado, seja para encaixar os mais nefastos discursos de ódio a diferentes realidades políticas.

Os fascistas estão vivos no presente e a todo momento registram seus caminhos, sejam os que modificam o comportamento político fascista ou os que tentam mantê-lo. Nesse processo de rupturas e continuidades, os meios de comunicação são importantes ferramentas para a idealização e difusão de suas ideias, ao mesmo tempo em que são ambientes nos quais seus agentes deixam vestígios de suas ações. A Internet vem sendo desde os anos 1990 terreno de organização e disseminação ideológica neofascista. É por meio dela que o *Hate Rock*, um dos principais mecanismos de militância neofascista, ganha proporções globais.

Esse processo de comunicação, cujo propósito é a socialização de informações que estimulam não apenas o reforço dos ideais neofascistas, mas também a busca por legitimação dessas mesmas ideias, nos fornece as características desses movimentos. Nos dão amplas noções de suas visões da realidade sobre a qual atuam, além das suas influências culturais e políticas particulares. As necessidades políticas da comunicação dos movimentos neofascistas podem ser evidenciadas em suas múltiplas ferramentas usadas para esse fim, como a Internet e o *Hate Rock*. Comunicar, para esses movimentos, é se inserir dentro de disputas pelo poder.

Portanto, buscamos analisar os discursos presentes nas músicas do *Hate Rock* e como eles comunicaram as ideias neofascistas. Nesse sentido, como resultado esperado,

perceberemos as mudanças históricas no comportamento político fascista a partir desses mesmos discursos. Ao mesmo tempo, vimos como esse tipo de música é disseminada pela Internet, bem como a articulação de organizações neofascistas dentro da rede mundial de computadores. Assim podemos perceber a relação de complementaridade entre a *web* e o *Hate Rock*, ambos ambientes de registros ideológicos, iluminando os meios pelos quais os fascismos sobrevivem no tempo presente e as mudanças necessárias para tanto.

Uma breve história do *Hate Rock*: política, neofascismos e discursos de ódio

Chamamos de *Hate Rock* o gênero musical produzido e executado por neofascistas, por meio do qual idealizam suas nações, sugerem perfis sócio-políticos a elas, difundem suas ideias e penetram em suas comunidades em busca de novos adeptos. Seu surgimento nos remete à Inglaterra do final dos anos 1970, onde sucessivos problemas econômicos, a exemplo daqueles resultantes de duas Crises Mundiais do Petróleo (1973 e 1979), inseriram o país no panorama do que Eric Hobsbawm (1995) chamou de “Décadas de Crise” do capitalismo. Naquele momento, o poder econômico das nações européias se via reduzido. Como consequência, o desemprego estrutural avançava.

Diante disso, movimentos políticos de extrema-direita despontaram no cenário eleitoral britânico como supostas soluções aos liberais, responsabilizados pela crise, e aos socialistas, apontados como inaptos a fazerem frente aos atuais governantes e solucionar os problemas do operariado. Se apresentando como uma “terceira via”, dita solução a essa bipolaridade, movimentos como o *National Front (NF)* foram organizados no sentido de mobilizar a população em torno do remédio que propunham: a união do país por meio do nacionalismo. Para o *NF*, era necessário se desfazer das tradições políticas para vencer liberais e socialistas que, segundo diziam, eram os culpados pela perda da força nacional (COPSEY, 2004).

O *NF* buscava essa união nacional por meio de ideias que exploravam ressentimentos com os políticos do país, mas também contra a imigração. Sendo o desemprego estrutural um dos maiores problemas da Inglaterra naquele período, ele se tornou tema central das agendas nacionalistas da extrema-direita, em especial pela árdua disputa por empregos. Para esses políticos, a convivência dos liberais e socialistas com os imigrantes era um exemplo de seus erros crassos. Isso porque “em tempos de fartura, os

imigrantes eram bem-vindos, porque vinham assumir o trabalho sujo recusado pela força de trabalho nacional” (PAXTON, 2007, p. 295); naquele momento, deixavam de ter boa acolhida e passaram a ser acusados de usurpadores.

O *NF* e seus coligados nutriram discursos de ódio contra liberais, socialistas e imigrantes na busca por energizar eleitores para movimentarem-se em direção à constituição de uma força nacionalista. Ao mesmo tempo, na busca por recuperar a grandeza britânica, reforçavam que era necessário retomar suas tradições culturais. Isso implicava em rechaçar os estrangeiros e povos de diferentes etnias. O racismo se tornou, ainda que, a princípio, de forma discreta, um dos discursos mais enfatizados pelo *NF*. Em suma, para essa frente política a Inglaterra pertencia aos ingleses e entre eles não seriam tolerados negros, árabes ou latino-americanos (COPSEY, 2004).

Os discursos neofascistas do *NF* alcançaram boa parte do operariado inglês, os mais prejudicados com o desemprego. A organização possuía uma ala jovem que, responsável por cooptar um considerável número de jovens para militarem em nome da causa, estando entre eles um expressivo número de *skinheads*. É importante lembrar que, nos anos 1960, os *skinheads* eram uma das subculturas mais expressivas da Inglaterra e suas origens se deram no meio operário. Entre 1976 e 1980, os *skinheads* retornaram às ruas no bojo do movimento *punk* que também crescia no país. Tanto *skinheads* quanto *punks* possuíam uma postura contestadora e provocadora, de modo que seus adeptos se recusavam a aceitar o *stablshment* sociocultural vigente. No entanto, os *skinheads* se orgulhavam de possuírem o que pensavam ser noções políticas mais definidas sobre os problemas pelos quais passavam (MARSHALL, 1993).

Em razão dessa proximidade, os *skinheads* adotaram o *punk rock* no qual os *punks* se expressavam musicalmente. Por meio da música, narravam a vida nas ruas e criticavam a sociedade que julgavam opressora. Nesse momento, o *NF* chegou até esses jovens e acabou convencendo boa parte deles de que suas ideias eram aceitáveis. Ideias essas que se pautavam na rejeição completa a tudo que fosse externo à nação que almejavam construir. (SALAS, 2006). A música que executavam passaria agora por uma transformação sem precedentes, servindo aos propósitos políticos das ideias pelas quais passavam a militar.

Formou-se assim uma rede de relações recíprocas entre movimentos políticos aspirantes à arena eleitoral, como o *NF*, e bandas integradas por *skinheads* neofascistas. Enquanto os primeiros patrocinavam shows e produções musicais, os segundos lideravam campanhas para atrair mais jovens para a causa. O chamado *White Noise*

Club se tornou o emblema dessa relação: esse era o nome da produtora musical concebida por membros do *NF* para produzir e difundir bandas de *Hate Rock* (SILVER; LOWLES, 1998). Surgia um movimento que se tornaria ainda mais forte nos anos 1980 e ganharia o mundo com vigor nos anos 1990.

Antes de adentrarmos nas transformações que permitiram uma maior difusão do *Hate Rock*, é importante primeiro nos determos à sua conceituação. Alguns autores chamam esse gênero de *hate music* (SALAS, 2006), *White Power Rock* (JACKSON; SHEKHOVTSOV, 2012; LÖÖW, 1998) ou *nazi rock* (MOYANO, 2004). No entanto, essas classificações não definem com precisão a identidade proposta por esse tipo de música. Não dá conta de especificidades caras ao gênero e aos discursos proferidos pelas bandas que o integram. Torna-se importante, então, apresentarmos argumentos para o uso do termo *Hate Rock* em detrimento de outros tão amplamente utilizados.

O termo *hate music* amplia excessivamente o terreno de atuação musical e ignora um elemento fundamental para as bandas neofascistas: o uso do rock. Quando falamos em música, acabamos por englobar um sem número de gêneros. Porém, a escolha do rock pelas bandas neofascistas não é desprovida de intenções: ele dialoga com a juventude e está historicamente atrelado à rebeldia e à contestação (FRIEDLANDER, 2006). Logo, o rock se aproxima mais dos jovens do que de indivíduos em qualquer outro estágio da vida (BIVAR, 2001).

Há que se considerar também que embora não possua qualquer ligação ideológica com o *punk* (uma vez que esse movimento aparece mais próximo à esquerda, portanto são inimigos dos *skinheads* neofascistas), foi partindo de elementos do *punk rock* que os *skinheads* forjaram esse gênero próprio. Um desses elementos era a possibilidade de qualquer pessoa, mesmo pouco dotada de recursos profissionais ou aptidões artísticas, formasse bandas na ânsia de transmitir mensagens. Isso fez com que muitas delas fossem compostas por jovens que eram também parte do público. Dessa forma, a relação entre fãs e bandas do gênero era dinâmica e reforçava o senso de identidade entre elas (PIEROBON, 2012).

Embora seja um gênero que se utiliza do rock para tanto, a classificação *White Power Rock* é também problemática. Uma vez que *White Power* é uma denominação dada aos movimentos que lutam em nome da supremacia da “raça” branca (FLINT, 2004), usá-la pode definir equivocadamente as bandas neofascistas. Ocorre que nem todos os neofascistas são adeptos do racismo, bem como nem todos são neonazistas, o que também implica em problemas relacionados ao uso da classificação *nazi rock*. É

importante salientarmos que o nazismo foi um tipo de fascismo semelhante ao italiano, mas que adotava o racismo como uma de suas guias. Assim, tal prática não foi comum a todos os tipos de fascismo. Sabemos que “a Itália fascista (...), embora promovendo o crescimento da *razza*, entendida em termos histórico-culturais, não foi muito tocada pela moda norte-europeia e americana de purificação biológica” (PAXTON, 2007, p. 72) do mesmo modo que a Alemanha.

O diálogo entre os fascistas do presente e os fascismos históricos ocorrem com frequência. Entre continuidades e rupturas que resultam desse processo, um dos elementos primordiais do comportamento político fascista persiste: o ódio. É em torno do ódio que os discursos orbitam e por meio dele que se tornam ações diretas. Odiar a tudo e a todos que responsabilizam pela decadência nacional é intrínseco aos fascismos. O próprio racismo nazista é uma consequência do ódio direcionado aos mais diversos inimigos construídos de forma conveniente, a depender do contexto em que tal comportamento se exerce. Portanto, o termo *Hate Rock* nos parece mais apropriado. Ele evidencia a marca dos discursos que buscam tornar o ódio ao “outro” algo positivo, uma vez que associam-no a uma luta para salvar a nação.

Da Europa ao mundo: O *Hate Rock* e a *World Wide Web*

Nos anos 1980 se consolidaram na Europa movimentos neofascistas liderados por *skinheads* já mais autônomos, menos próximos de organizações e partidos políticos como o *NF* e o recém criado *British National Party*, de 1982. Naquele momento de intensificação da popularidade desses partidos, que passavam a ganhar uma razoável quantidade de votos dos operários em pleitos eleitorais, houve uma necessidade conjunta de esconder algumas das características explicitamente neofascistas que possuíam, em especial o racismo (COPSEY, 2004). Isso implicava em um esforço para inserir as bandas do *Hate Rock* nessa manobra, o que falhou vigorosamente. Para os *skinheads* neofascistas, “viver fascisticamente” (TEIXEIRA DA SILVA, 2004), ou seja, adotar os símbolos e referências marcantes dos fascismos clássicos, era essencial. Abrir mão disso significava para eles uma traição. Isso resultou em profundas cisões entre as bandas de *Hate Rock* e partidos políticos.

Uma dessas cisões motivou a fundação do movimento *Blood & Honour (B&H)*, liderado por Ian Stuart Donaldson, vocalista da mais importante banda entre as pioneiras do gênero, a *Skrewdriver*. Donaldson era amigo pessoal de Joe Pearce, líder da

National Front Youth, ala jovem do movimento para a qual sua banda ajudou a recrutar inúmeros *skinheads*. As tentativas feitas pela organização para mudar as composições e algumas posturas da banda fizeram com que a separação ocorresse (SALAS, 2006). Foi assim que Donaldson fundou o *B&H* em 1987.

Essa “rede de apoio e suporte à venda e à promoção de bandas de rock racista” (STANDING; MELEAGROU-HITCHENS, 2010, p. 10 *apud* DAMASCENO, 2012, p. 46), ainda que elas não se limitassem a esse discurso, cresceu como braço independente do proeminente movimento neofascista britânico. A organização contava também com uma revista que discutia política e divulgava bandas e eventos musicais. Mais tarde, a revista foi disponibilizada no site oficial do *B&H*. Esse foi o início da “apropriação da organização pela rede mundial de computadores”, que “a projetou para uma dimensão internacional que Ian Stuart não viveu para ver” (DAMASCENO, 2012, p.64), pois morreu em 1993 após um acidente de carro.

Segundo Damasceno (2012), até o início da segunda década do século XXI o *B&H* possuía cerca de 25 células espalhadas pelo mundo. Esse caráter internacional foi propiciado sobretudo por meio de tecnologias da comunicação como a Internet, que desde os anos 1990 vinha se tornando amplamente comercializada. A existência de tantas células da organização pressupõe movimentos neofascistas dotados de cenas musicais cuja importância é não apenas flagrante no sentido político, mas também no que tange a formação identitária desses grupos. Para os *skinheads* neofascistas, é fundamental fortalecer os laços de suas pequenas comunidades imaginadas por meio de discursos que abordam quem eles são, o que é feito a todo tempo por meio do *Hate Rock*.

Em 1984, quando lançou seu primeiro álbum como uma banda neonazista, intitulado *Hail the new dawn*, a *Skrewdriver* exibiu com clareza seus posicionamentos políticos. Em *Free our land* ouvimos uma síntese deles: “Eu paro e vejo meu país hoje/É muito fácil ver que ele está sendo levado embora/Por todos os imigrantes e as mentiras da esquerda/Por que ninguém se pergunta a razão disso?”

¹. Podemos perceber que o discurso presente na letra resume de forma cristalina o perfil neofascista inglês daquele momento, inclusive se aproximando da agenda de movimentos como o *NF*. Notemos que o ódio a inimigos específicos dos fascismos,

¹ SKREWDRIVER. Free my land. In: *Hail the new dawn*. Germany: Rock-O-Rama Records, 1984, Faixa 14. MP3. Tradução nossa.

como os imigrantes externos à comunidade e a esquerda, se fazem presentes no discurso.

O *boom* da Internet nos anos 1990 permitiu que, mais tarde, “encontrando um ambiente atraente e de baixo custo, neofascistas de diferentes países” construíssem terrenos virtuais, a exemplo da página do *B&H*, “que têm sido veículos para a divulgação de seus ideais, oferta de um diversificado *merchandising* e para a apresentação de supostas revisões da história” (MAYNARD, 2011, p. 44). A divulgação desses ideais, sobretudo por meio da música de bandas como a *Skrewdriver*, é feita amplamente por sites como o da *B&H* e da maior organização de *skinheads* neofascistas dos EUA, a *Hammerskin*, cuja *Hammerskin Fest* reúne anualmente bandas de *Hate Rock*. Além deles, há os sites da *NS88 Video Division* (<http://ns88.com>), loja virtual de artigos musicais, e da *ISD Records* (<http://isdrecords.com>), gravadora que homenageia Ian Stuart Donaldson e disponibiliza discos online, ambas criadas no início dos anos 1990.

Em decorrência dos esforços empreendidos por essas organizações, o *Hate Rock* se ecoalizou de forma intensa por diversas partes do mundo. Segundo relatório da *Anti-Defamation League*², o *Nordic Fest*, um dos maiores festivais de *Hate Rock* do mundo, que ocorreu em Kentucky, Estados Unidos, no ano de 2000, disponibilizou por meio de um *website* as informações sobre localização ao público³. Com um simples cadastro e utilizando uma senha, os interessados conheciam a localização e a programação do evento que, como a maioria, foi realizado de forma clandestina. Novamente, a Internet aparece como campo de organização para obter meios de difusão de ideias neofascistas pela música.

No século XXI, os avanços dos meios informacionais possibilitaram a transformação dos antigos aplicativos para baixar ou ouvir música online. As bandas de *Hate Rock* não deixaram de acompanhar esses progressos. De acordo com uma reportagem feita pelo renomado site especializado em música *Noisey*⁴, usando

² Organização estadunidense que objetiva mapear organizações e movimentos que disseminam discursos de ódio. Foi fundada em 1913 para frear a difamação contra o povo judeu e assegurar direitos iguais para todos. Embora tenha foco no antissemitismo, atualmente é uma das mais importantes agências de defesa dos direitos civis dos mais diferentes tipos.

³ ANTI-Defamation League. *Hate Rock Online: New Tool for Racists and Anti-Semite* [online]. Disponível em: <http://archive.adl.org/extremism/extr_coord_rock.html>. Acesso em 03 set. 2016.

⁴ EQUIPE Noisey. *Quase todas as grandes varejistas da Internet estão vendendo música White Power* [online]. Disponível em: <http://noisey.vice.com/pt_br/blog/quase-todas-as-grandes-varejistas-da-internet-estao-vendendo-musica-white-power>. Acesso em 03 set. 2016.

informações coletadas pela *Southern Poverty Law Center*⁵, plataformas de *download* ou *streaming* como iTunes, Spotify, Google Play, Beats Music, Rdio, entre outras, disponibilizam em seus catálogos um considerável número de bandas do *Hate Rock*.

Portanto, vemos que para manterem vivas as ideias dos fascismos, ainda que estas passem por importantes transformações através do tempo e em decorrência de influências contextuais, o empenho de seus militantes resultou em diversos meios para tanto. Um deles, o *Hate Rock*, se tornou tão importante em termos de difusão política quanto de formação identitária. Outro, a Internet, se converteu em terreno de organização e ampliação de espaços para debates em torno dessas ideias políticas, bem como um potente instrumento para a promoção do *Hate Rock*. Dessa forma, o historiador do tempo presente se depara com desafios que envolvem novas fontes e novos meios para obtê-las.

O desenvolvimento do *Hate Rock*: dos anos 1980 ao *boom* da Internet

Quando em 1984 a *Skrewdriver* lança seu primeiro álbum como uma banda de *Hate Rock*, a Inglaterra vivia um governo liberal capitaneado pela então Primeira Ministra Margaret Thatcher. Naquele momento, os movimentos de extrema-direita britânicos se viram numa situação grave de crise. A incapacidade de concorrer com o Partido Conservador no cenário político inglês, sobretudo graças à evidente desunião entre esses movimentos, fez com que a popularidade dos extremistas caísse significativamente nas grandes regiões metropolitanas. O governo Thatcher passava a assegurar os interesses do capital financeiro, de modo que nesse meio os neofascistas passavam a não mais corresponderem a uma solução (COPSEY, 2004). Por outro lado, essa perda de força significou o crescimento de movimentos neofascistas que contestavam o *establishment*, como os dos *skinheads*.

Esse *establishment*, uma democracia liberal, foi alvo das críticas da banda em músicas como *Justice*, presente no referido disco: “Chamam isso de democracia, terra da liberdade de expressão/Igualdade e liberdade é o que eles pregam/Eis a realidade, um Estado alienígena/Enjaulando patriotas /Encarceirados por lutarem pela terra que

⁵ Assim como a ADL, a *Southern Poverty Law Center* é uma das mais importantes agências de combate a grupos que praticam crimes de ódio. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos que, além de mapear esses grupos, fornece à população estadunidense consultoria em advocacia legal para crimes de ódio ou violação de direitos civis. Foi fundada em 1971 no Alabama.

amam”⁶. Conservando premissas clássicas dos fascismos, a banda direciona seu desprezo à democracia sob a justificativa de que esse regime lhes reprime. Outra vez os ressentimentos entram em cena para motivar ataques aos que, segundo dizem, impedem a preservação nacional limitando aqueles que afirmam lutar em nome dela.

A luta nacional pressupõe a busca por legitimação de discursos de ódio contra os “outros”, os “alienígenas”. A presença desses, acusam os neofascistas, é tão nociva quanto a conivência do Estado em relação a isso. A banda *No Remorse*, contemporânea à *Skrewdriver*, nos apresenta essa noção a partir da música *Bloodsucker*, do álbum *This time the world*, de 1988: “Vende seus produtos pelo dobro do preço/É assim que ele ganha seu pão/Paquistanês batalhador imundo/Não pare até que ele esteja morto/Ele é um imigrante com um falso sorriso/Atrás dele há uma mente de pecados malignos”. Mais adiante: “Traidores no parlamento/Trazidos pelos judeus/Os opositores dos nacionalistas estão prestes a serem derrotados”⁷.

Esse discurso é a síntese dos ressentimentos que impulsionam os neofascismos: crises estruturais seriam resultado de governos inaptos a unirem a nação, resultando na presença de agentes externos que estariam alavancando problemas graves como o desemprego. Tal discurso se aproxima vigorosamente dos proferidos pelas militâncias fascistas dos anos 1920-30. Vale lembrarmos que numa combinação entre antissemitismo e ressentimentos populares, os nazistas denunciavam tanto o comunismo, quanto o capitalismo como conspirações judaicas internacionais para destruir a Alemanha. O que essas bandas fizeram foi trazer do passado comportamentos políticos para encaixá-los em situações que julgavam análogas.

Apesar de tal julgamento, as particulares dos discursos são evidentes e comprovam a eficiência do *Hate Rock*, aliado à Internet, em se propagar globalmente. Como recurso para a difusão dos neofascismos, podemos encontrar bandas que usam essas ideias para tratar de suas próprias realidades políticas. Nos EUA, os ressentimentos neofascistas, “com raízes numa religiosidade e num nativismo autenticamente americanos, ocasionalmente leva à violência contra alguns dos mesmos ‘inimigos internos’ antes atacados pelos nazistas” (PAXTON, 2007, p. 329). No entanto, novos “inimigos internos” entram em cena. A cultura política estadunidense,

⁶ SKREWDRIVER. Justice. In: *Hail the new dawn*. Germany: Rock-O-Rama Records, 1984, Faixa 04. MP3. Tradução nossa.

⁷ NO Remorse. Bloodsucker. In: *This time the world*. France: Rebelle Européens, 1988, Faixa 02. MP3. Tradução nossa.

que não raramente evoca esse chamado “nativismo americano”, exclui etnias cujas relações históricas são específicas.

Em um país cuja presença dos negros é marcante – e no qual sistemas segregacionistas institucionais vigoraram até a segunda metade do século XX -, não é incomum encontrarmos discursos racistas entre as bandas do *Hate Rock*. Se pensarmos que as primeiras bandas daquele país se originaram em países do Sul, onde historicamente há uma tradição “nativista” e onde movimentos racistas históricos como a Ku Klux Klan surgiram, torna-se ainda mais clara a razão pela qual os negros aparecem como alvos preferidos dos neofascistas. Por essa característica, as bandas do *Hate Rock* estadunidenses aparecem mais afiliadas ao nazismo.

Entre elas está a *The Voice*, uma das mais reconhecidas no país durante as primeiras décadas dos anos 1990. É dela a música *My Race*, composta em 1992 e lançada no ano seguinte, na qual dizem: “Adolf Hitler, Rudolf Hess/Seus espíritos vivem conosco/Que suas almas descansem/Depois de 47 anos ainda estamos lutando/Seus sonhos, eles continuam vivos”. Em seguida, a banda faz uma afirmação e um questionamento: “Eu lutarei para salvar a minha raça/Você lutará para salvar a sua raça?”⁸.

O que seus compositores fazem ao evocarem importantes líderes do nazismo é mostrar que, assim como na Alemanha de outrora, supostamente existe uma guerra racial em curso que necessita ser vencida pelos arianos. Ao passo em que há uma guerra, como sugere a banda, existem inimigos a serem derrotados. Não é difícil deduzirmos quem, nesse discurso, se apresenta como o lado que deve sair vitorioso. Se expressam a vontade de defenderem sua “raça”, ao mesmo tempo expressam a vontade de destruírem outras. É a premissa nazista clássica trazida para o presente.

A música *Negrodation of character*, da banda *Angry Aryans*, talvez a mais importante banda do meio nos EUA, define com maior clareza quem são os inimigos raciais dos neonazistas estadunidenses: “Uma testa cumprida e um baixo Q.I./Naturalmente criados para servirem aos judeus/Uma raça de assassinos, um defeito genético/Uma criação falha, um desastre inegável”⁹. O título da música, que pode ser traduzido como “negradação de caráter”, associando os negros a um termo que corresponde a algo negativo, expõe o alvo das ofensas proferidas pela banda.

⁸ VOICE, The. *My race*. In: *Verdukhelm*. Michigan: Resistance Records, 1993, Faixa 04. 01 MP3. Tradução nossa.

⁹ ANGRY Aryans. *Negrodation of character*. In: *Old school hate*. Michigan: Resistance Records, 2001, Faixa 04. 01 MP3. Tradução nossa.

De forma análoga ao que houve na Inglaterra dos anos 1980, os primeiros movimentos de *skinheads* estadunidenses foram recrutados por organizações extremistas. Essas organizações, centradas em um nativismo particular, tinham o racismo como principal bandeira. A já mencionada Ku Klux Klan recebeu um expressivo número de *skinheads* em suas frentes. Além dela, a *White Aryan Resistance*, conhecida como *WAR*, teve importante papel nesse recrutamento. Esses movimentos acreditam que as “raças” são diferentes baseados em características físicas, comportamentais e culturais. Frequentemente apontam os judeus e os não-brancos como inimigos da “raça branca” empenhados em sua destruição. Pensando serem soldados em uma eventual guerra racial, a violência aparece como uma estratégia política e exemplo de ação (MARTINEZ JR.; SELEPAK, 2013).

A forte presença do cristianismo na cultura estadunidense é levada a níveis extremos por essas organizações e pelos *skinheads* associados a ela. Essa identidade teológica tenta mostrar que, por exemplo, somente os brancos seriam descendentes diretos de Adão e Eva e únicos herdeiros biológicos dos israelitas do Antigo Testamento. Ao mesmo tempo, os judeus seriam uma cria entre Eva e forças do mal, enquanto os não-brancos seriam filhos de múltiplas forças malignas (MARTINEZ JR.; SELEPAK, 2013). Mesmo que tais tentativas de explicação beírem o absurdo, o racismo proveniente delas se ramificou culturalmente e se expressa das mais variadas formas.

É com base em discursos semelhantes que neofascistas latino-americanos buscam justificar seu racismo. No Brasil, a região na qual mais se concentram é o Sul. Por ter sido uma região colonizada majoritariamente por europeus, sobretudo italianos e alemães, existem tentativas de buscar numa genealogia histórica as referências de sociedade que idealizam. De forma contraditória são nacionalistas, mas constantemente se remetem ao “sangue europeu” para discursarem em favor do racismo como posicionamento para a construção de sua comunidade.

A banda “Zurzir”, do Rio Grande do Sul, lançou em 2013 a música “Sempre em frente”, que integra o álbum “Triunfo da vontade” e é só um dos muitos exemplos que a banda nos dá a respeito de seu esforço para dialogar com uma herança europeia:

As asas da coragem erguerão nosso império
E do seu forte vento, no horizonte irá brilhar
As cores glamorosas da bandeira nacional-socialista
Em prol da raça mãe e da herança que deixou

Tenha orgulho da sua origem
Respeite o seu valor¹⁰

Em seguida, a banda entoava gritos de *ein volk, ein reich, ein führer* (“um povo, uma nação, um líder”), um dos slogans políticos mais usados pelos nazistas em ascensão na Alemanha dos anos 1930. Notemos que a “raça mãe” à qual a música alude teria sido herdada, devendo ser valorizada e respeitada. Essa herança simboliza a suposta relação entre os integrantes da banda com uma “raça” superior tal qual os nazistas acreditavam existir, haja vista a menção à “bandeira nacional-socialista” e os cantos emitidos reverenciando os militantes do passado.

Os esforços para adequar ideias fascistas ao presente não são poucos. As músicas do *Hate Rock* nos conduzem a perceber as suas nuances e nos permite compreender suas particularidades. Há uma diversidade ampla de discursos que buscam sentido em construções que, por vezes, são descabidas e sem lógica. No entanto, não devemos retirar a importância desses movimentos neofascistas devido às suas contradições e aos seus frágeis discursos legitimadores. Devemos nortear nosso empenho em tentar perceber as razões pelas quais jovens de todo o mundo se interessam em manter os fascismos vivos.

***Hate Rock* e Internet: desafios para os historiadores do tempo presente**

Diante dos fatos aqui apresentados, o historiador que pretende se debruçar sobre o vasto campo de conhecimento que é a história do tempo presente acaba se deparando com algumas possibilidades que trazem consigo problemas específicos. No caso do *Hate Rock*, temos sob nossas vistas uma fonte que, a um só tempo, é própria ao presente (visto que a música, o som e o audiovisual ainda são materiais recentes para o ofício do historiador) e está impregnada dele. Trata-se, portanto, de uma fonte marcada pelo presente, inerente a ele, haja vista que registra o momento em que os compositores de seus discursos relatam seu próprio tempo (FRANK, 1999). O mesmo pode ser dito sobre a Internet.

O advento da Internet e sua consolidação no mercado, no curso dos anos 1990 até o final da primeira década do século XXI:

¹⁰ ZURZIR. Sempre em frente. In: *Triunfo da vontade*. Germany: Wewelsburg Records, 2013, Faixa 09.

produziu uma explosão documental sem precedentes. Com a emergência de diferentes portais na World Wide Web, desenhou-se um oceano de informações. Afloraram daí múltiplas memórias e tentativas de reescrita da história. Entre tais projetos de reconstrução historiográfica, está o uso feito da rede mundial de computadores por grupos de extrema-direita (MAYNARD, 2011, p. 44).

Entre essa “explosão documental” estão as músicas do *Hate Rock*, cuja difusão alcançada não pode ser imaginada sem o auxílio da Internet. É fato que o gênero circulou avidamente pela Europa e chegou a atravessar o Atlântico ainda nos anos 1980, mas sua força e a concretização de se tornar global foi alavancada pela *web*. Sua comercialização em escala mundial foi garantida por esse meio de comunicação. Como vimos, sua presença está inclusive nas plataformas musicais mais utilizadas e não apenas em blogs e sites obscuros. Esses, por sua vez, também são numerosos e facilitam a disponibilização de álbuns inteiros para *download*, incluindo seu material gráfico. O papel da música e o esforço em disponibilizá-la, no entanto, estão longe de se restringirem ao entretenimento. É seu potencial político que gera esse interesse.

Assim como em alguns sites, a exemplo do portal *Metapedia* (<http://pt.metapedia.org/>), onde o internauta encontra verbetes que tratam como “falsificações, delírios ou conspirações as memórias sobre as experiências do Holocausto na II Guerra Mundial”, em análises nas quais “os algozes são as vítimas” (MAYNARD, 2011, p. 45), o *Hate Rock* pode desempenhar um papel revisionista. Sua presença na Internet marca não apenas os esforços para legitimar crimes de ódio, mas como agente político de reelaboração da história em um novo campo de diálogo com a sociedade.

Para o portal *Metapedia*, o Holocausto foi “a maior propaganda de guerra contra a Alemanha durante e após a Segunda Guerra Mundial, a qual acusou o regime nacional-socialista de cometer um suposto crime intencional contra o povo judeu”¹¹. O discurso não se difere do assumido por bandas do *Hate Rock* a exemplo da brasileira “Brigada NS” em músicas como “Imprensa”: “Não assista atento a essas mentiras/Que com a alegação da vitimização judia/Suga o sangue da Alemanha até hoje em dia/Para Israel se armar mais contra a Palestina”¹². Em ambos os casos há uma busca por desmentir fatos históricos consolidados.

¹¹ METAPÉDIA. *Holocausto* [online]. Disponível em: <<http://pt.metapedia.org/wiki/Holocausto>>. Acesso em 04 set.2016.

¹² BRIGADA NS. Imprensa. In: *O retorno da velha ordem*. São Paulo: D18 Records, 2001, Faixa 03. MP3.

O ódio aos judeus em ambos os casos não se manifesta sugerindo a agressão (embora isso ocorra em inúmeras músicas do *Hate Rock*), mas alegando a existência de sua vitimização para fins políticos. É próprio a muitos neonazistas adotarem o negacionismo como discurso antissemita, se fazendo da “tese da não existência do extermínio contra judeus” e de que “os campos de extermínio nazistas, portanto, seriam uma mentira inventada pelos sionistas” (CRUZ, 2012, p.190). Dessa forma, afirmam o ódio aos judeus ao sugerirem a existência de uma conspiração perpetrada por eles a fim de marginalizar os nazistas. Ou seja, tentam inverter a situação e transformar opressores em oprimidos.

Os exemplos não cessam por aqui. A *Frente Orden Nacional (FON)* é, segundo Luyse Moraes Moura e Dilton Maynard, “um movimento político nacional-socialista, adaptado à realidade chilena e aos tempos atuais”, cujos militantes “concebem o Chile como um produto da cultura europeia ocidental” (2012, p. 100). Dessa forma, evocam a genealogia chilena relacionada aos colonizadores espanhóis por meio da qual tentam justificar o racismo que defendem. Alegam pertencerem à “raça” ariana e apoiam o extermínio de outras etnias. São avidamente contrários ao multiculturalismo. A força de sua militância é impulsionada pela sua página na Internet, “um portal para divulgar as opiniões, tendências e metas de seus membros e, também, para apresentar os principais aspectos da doutrina neonazista no Chile” (MOURA; MAYNARD, 2012, p. 100).

Em consonância com os discursos da *FON*, a banda chilena *Marcha Violenta* gravou uma versão da música *I Hate Commie Scum* (“eu odeio a escória comuna”), da banda de *Hate Rock* australiana *Frotress*. Nela ouvimos: “Não tente falar para mim sobre igualdade racial/Negros e brancos não são a mesma coisa/Mentiras espalhadas pelos comunistas/De mãos dadas com capitalistas/Esmagar a ambos é meu alvo”¹³. Para a banda, o discurso racista revela o ódio neonazista contra as “raças” que dizem inferiores. O ódio se direciona também a inimigos históricos do nazismo, como os comunistas e os capitalistas, num movimento de diálogo com o passado que nos permite enxergar importantes permanências.

No início do século XX, “o ápice da reação fascista ao mapa político definido em relação à esquerda e direita”, à época fortemente representadas, respectivamente, pelos comunistas e pelos liberais capitalistas, “foi alegar que eles [os fascistas] o haviam tornado obsoleto, não sendo ‘nem de esquerda nem de direita’, havendo

¹³ MARCHA Violenta. I hate commie scum. In: *Demo*. Magallanes: Independente, 2010, Faixa 01. MP3. Tradução nossa.

transcendido essas divisões arcaicas e unido a nação” (PAXTON, 2007, p. 29). O ressentimento fascista contra os liberais e comunistas, responsabilizados pelas perdas e pela situação humilhante da Itália e da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, foi usado pelos seus agentes para levar os regimes ao poder. A suposta convivência de comunistas e liberais, desorganizados politicamente, foi o elemento energizador dos fascismos para ganhar o apoio das massas e ascender ao poder. O meio para canalizar essa energia foi o nacionalismo imbuído de ódio.

Esse nacionalismo, elemento central dos fascismos e de suas versões atualizadas, define o “nós” e os “eles”, aqueles que pertencem ou não àquela comunidade, os que devem ou não desfrutar do que está presente nelas. Aos que não pertencem, sobra o ódio declarado que se reveste de discursos cujo objetivo é legitimar a violência contra o “outro”, tudo isso em nome da luta para salvar a nação. Esses discursos chegam até aqui em decorrência de esforços humanos intencionais. São esses mesmos esforços que permitem que o comportamento político fascista se adeque a diferentes realidades. Tais transformações, ocorridas no tempo e no espaço, podem ser percebidas por meio do *Hate Rock* e do uso de recursos do presente, como a Internet, para a manutenção de ideias antigas a fim de que sirvam aos tempos de hoje.

Considerações finais

A relação que o *Hate Rock* possui com a Internet é evidentemente recíproca. Se um dos seus principais objetivos é ampliar o eco de seus discursos, a rede mundial de computadores catapulta a música com eficiência. É por meio da *web* que uma imensa quantidade de materiais musicais é disponibilizada, podendo ser acessada depois de poucos cliques. Desde meados dos anos 1990 a projeção desses terrenos virtuais vem crescendo no mundo e o *Hate Rock* acaba acompanhando a adequação deles a processos modernizadores.

Surgido num contexto de crise, o gênero possuía um alcance bastante limitado se compararmos com o presente. A globalização que tanto questionam acaba promovendo suas bandas, sinalizando para a contradição entre o nacionalismo extremado que defendem e a necessidade de internacionalizar suas ideias. Assim como no passado, enxergam o presente com pessimismo e buscam em outros tempos os referenciais para atuarem. Tais referenciais são expostos a todo tempo, seja pela música ou entre

asmuitas páginas que ocupam na Internet. De um lado ou de outro, temos numerosas evidências dessa atuação no presente.

Portanto, o que temos diante de nós é o desafio de analisar um fenômeno político de um passado recente (os neofascismos), cujas origens estão num passado mais distante com o qual seus agentes se relacionam de forma indispensável, atuando no presente. Ainda que nossos exemplos em sua maioria não tenham sido bandas tão recentes, precisamos atentarmos para os empenhos em fazê-las circularem ainda hoje. Algumas dessas bandas permanecem vivas, assim como organizações neofascistas que transitam pela Internet. São, como vimos, objetos com os quais os historiadores do Tempo Presente podem se deparar.

Assim, podemos usar tais meios de comunicação para percebermos os processos de transformação sofridos pelo comportamento político fascista. Podemos observar, por meio da disseminação de suas ideias, como novos agentes são incorporados à imensa gama de inimigos que possuem os neofascistas a partir de suas realidades políticas. Podemos compreender as adequações feitas para que um ou outro discurso aparentemente descabido possa ser executado. Dentre tantas outras coisas, podemos observar como um dos mais utilizados recursos fascistas, a propaganda, é agora empreendida por meio de recursos próprios do presente. Para ganhar força, os neofascismos abrem mão inclusive do nacionalismo fechado e restrito que seus inspiradores tanto preservavam no passado.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 119-138.

AZEMA, J. P. Tempo presente. In: BURGUIÈRE, André (Org.). *Dicionário das ciências históricas*. Trad. Henrique de Araújo Mesquisa. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 736-740.

BIVAR, Antonio. *O que é punk*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

COPSEY, Nigel. *Contemporary British Fascism: The British National Party and the quest for legitimacy* New York: Palgrave Macmillian, 2004.

CRUZ, Natália dos Reis. O neonazismo no Brasil: O caso da Editora Revisão. In: CRUZ, Natália dos Reis (Org.). *Ideias e práticas fascistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 189-209.

DAMASCENO, Natália Abreu. Para uma anatomia do neonazismo: Reflexões sobre o movimento Blood and Honour. In: MAYNARD, Dilton C. S (Org.). *História*,

- neofascismos e intolerância: Reflexões sobre o Tempo Presente*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012, p. 45-73.
- FLINT, Colin. *Spaces of hate: Geographies of discrimination and intolerance in the USA*. New York: Routledge, 2004.
- FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, P (Orgs.). *Questões para a história do presente*. São Paulo: EDUSC, 1999, p. 103-118.
- FRIEDLANDER, Paul. *Rock and roll: Uma história social*. Trad. A. Costa. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: O breve século XX*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JACKSON, Paul; SHKEHOVSTOSV, Anton. *White Power Music: Scenes of extreme-right cultural resistance*. Northampton: RNM, 2012.
- LOWLES, Nick; SILVER, Steve. *White noise: Inside the international nazi skinhead scene*. London: Searchlight, 1998.
- MARSHALL, George. *Espírito de 69: A bíblia do skinhead*. Trad. Glauco Mattoso. São Paulo: Trama Editorial, 1993.
- MARTINEZ JR., B. A.; SELEPAK, Andrew. Power and violence in Angry Aryans song lyrics: a racist skinhead communication strategy to recruit and shape a collective identity in the White Power movement. In: *C&S*. São Bernardo do Campo. v. 35, n. 1, p. 153-180, jul./dez. 2013.
- MAYNARD, Dilton C. S. *Escritos sobre história e Internet*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012.
- MOURA, Luyse Moraes; MAYNARD, Dilton C. S. Aspectos da nova extrema-direita chilena em tempos de Internet. In: MAYNARD, Dilton C. S (Org.). *História, neofascismos e intolerância: Reflexões sobre o Tempo Presente*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012, p. 93-116.
- MOYANO, Antonio. *Neonazis: La seducción de la svastika*. Madrid: Nowtillus, 2004.
- PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São paulo: Paz e Terra, 2007.
- PIEROBON, Chiara. Reschtsrock: White Power music in Germany. In: JACKSON, Paul; SHKEHOVSTOSV, Anton (Orgs.). *White Power Music: Scenes of extreme-right cultural resistance*. Northampton: RNM, 2012, p. 07-24.
- SALAS, Antonio. *Diário de um skinhead: Um infiltrado no movimento neonazista*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Planeta, 2006.
- TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. *O século sombrio: Uma história geral do século XX*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004.

Fontes

ANGRY Aryans. Negrodation of character. In: *Old school hate*. Michigan: Resistance Records, 2001, Faixa 04. 01 MP3

ANTI-Defamation League. *Hate Rock Online: New Tool for Racists and Anti-Semite* [online]. Disponível em: <http://archive.adl.org/extremism/extr_coord_rock.html>. Acesso em 03 set. 2016.

BRIGADA NS. Imprensa. In: *O retorno da velha ordem*. São Paulo: D18 Records, 2001, Faixa 03. MP3.

EQUIPE Noisy. *Quase todas as grandes varejistas da Internet estão vendendo música White Power* [online]. Disponível em: <http://noisy.vice.com/pt_br/blog/quase-todas-as-grandes-varejistas-da-internet-estao-vendendo-musica-white-power>. Acesso em 03 set. 2016.

MARCHA Violenta. I hate commie scum. In: *Demo*. Magallanes: Independente, 2010, Faixa 01. MP3. Tradução nossa.

METAPÉDIA. *Holocausto* [online]. Disponível em: <<http://pt.metapedia.org/wiki/Holocausto>>. Acesso em 04 set.2016.

NO Remorse. Bloodsucker. In: *This time the world*. France: Rebelle Européens, 1988, Faixa 02. 01 MP3.

SKREWDRIVER. Free my land. In: *Hail the new dawn*. Germany: Rock-O-Rama Records, 1984, Faixa 14. 01 MP3.

SKREWDRIVER. Justice. In: *Hail the new dawn*. Germany: Rock-O-Rama Records, 1984, Faixa 04. 01 MP3.

VOICE, The. My race. In: *Verdukhelm*. Michigan: Resistance Records, 1993, Faixa 04. 01 MP3.

ZURZIR. Sempre em frente. In: *Triunfo da vontade*. Germany: Wewelsburg Records, 2013, Faixa 09. 01 MP3.

Recebido em 20/09/2016
Aceito em 27/11/2016